

POR UMA GEOGRAFICIDADE DO IMAGINÁRIO SOCIAL DA CIDADE

POR UN GEOGRAFICIDADE EL IMAGINARIO SOCIAL DE LA CIUDAD

Valney Dias Rigonato

Doutorando do curso de Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG e professor do Curso de Geografia da Universidade Federal do Oeste da Bahia, Campus de Barreiras, BA.
valney.rigonato@ufob.edu.br

RESUMO

O artigo discute a geofricidade da vivência nas urbes a partir da categoria imaginário social urbano pelas leituras da ciência geográfica e suas interfaces interdisciplinares. Conceitua o imaginário social a partir de autores e de argumentos do universo urbano e das cidades, passando pelos trilhos da produção do pensamento geográfico ao apontar pistas para os caminhos epistemológicos e metodológicos do estudo do imaginário na abordagem cultural da geografia urbana brasileira. Por fim, abriga uma discussão sobre uma geofricidade do imaginário social da cidade, buscando a terceira dimensão dos espaços urbanos, os quais inserem a atividade humana, o próprio imaginário e o conteúdo simbólico para traçar as rotas de uma espacialidade do imaginário da cidade.

Palavras Chaves: geofricidade, imaginário e cidade.

RESUMÉN

El artículo aborda la experiencia en geofricidade urbs de la categoría imaginario social urbano por las lecturas de la ciencia geográfica y sus interfaces interdisciplinarios. Conceptualizar el imaginario social de los autores y los argumentos del universo de las ciudades y zonas urbanas, pasando por los carriles de la producción de pensamiento geográfico señalando pistas para los caminos epistemológicos y metodológicos del estudio del imaginario en el enfoque cultural de la geografía urbana brasileira. Por último, alberga una discusión sobre una geofricidade el imaginario social de la ciudad, buscando la tercera dimensión de los espacios urbanos, que caen fuera de la actividad humana, el propio imaginario y el contenido simbólico para trazar la ruta de una espacialidad del imaginario de la ciudad.

Palavras-clave: geofricidade, imaginario e la ciudad.

O QUE É IMAGINÁRIO SOCIAL?

A palavra imaginário é polissêmica. O imaginário é tema de pesquisa de diversas áreas do conhecimento científico. Possui caráter interdisciplinar e, até mesmo, multidisciplinar. O imaginário social é pesquisado com base na trilogia: imagem, imaginação e imaginário.

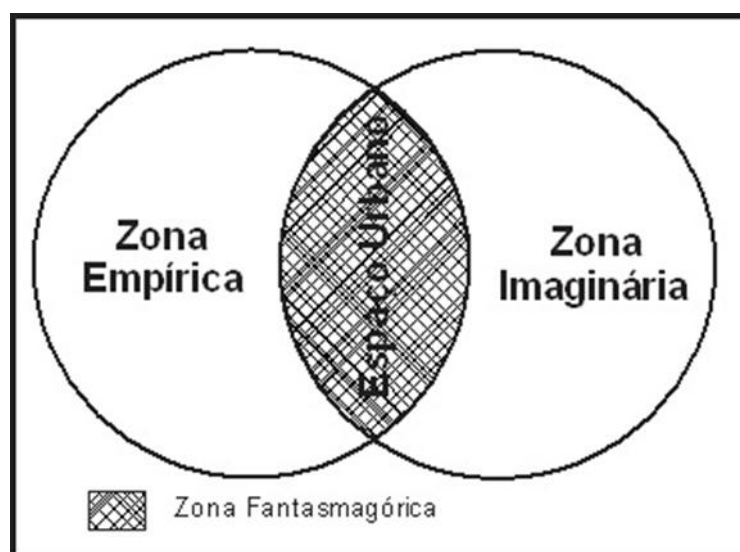
As pessoas e os grupos de pessoas, em contato constante com as imagens da superfície terrestre, criam inúmeras imaginações¹. Há evidências na bibliografia especializada que tais imaginações foram criadoras a partir dos mitos da Antiguidade (Atenas e Hera) e, mormente, dos mitos modernos (natureza infinita, progresso infinito nas grandes cidades e da neutralidade científica). Como evidência (BOSI, 2008, p.19) “a experiência da imagem, anterior à da palavra vem enraizar-se no corpo”.

O contato com as imagens naturais e criadas pela sociedade alimenta o imaginação humana. Desse modo, a criação de outras imagens, seja a partir da paisagem, da escrita ou da linguagem oral, transformaram em símbolos reconhecidos socialmente que passam a representar a vida cotidiana. Entretanto, o papel da imaginação nessa trilogia não se limita a conceber a ideia de reunir as imagens, mas de fornecer o impulso sensível às ideias que delineiam as ações no espaço urbano (TURCHI, 2003, p 20).

Nesse sentido, as pessoas e os grupos sociais consubstanciam o imaginário social, o que se pode afirmar que é esse imaginário se expressa por meio dos próprios símbolos os quais propõem enquanto ação social a reconstituição, também, do espaço geográfico vivido.

Silva (2001), ao refletir sobre essa trilogia e, especialmente, em relação ao imaginário urbano, cria uma representação gráfica, conforme pode ser observada a seguir:

Figura 01 - Desenho esquemático do imaginário social da cidade.



Fonte: Modelo baseado em Armando Silva, 2001.

A partir desse desenho esquemático, o autor chama atenção para uma identidade do imaginário social no espaço urbano, do qual admitimos a existência, mas não acreditamos em suas manifestações nas cidades. Assim, o imaginário social da cidade contempla as fantasias enquanto manifestações vivas como se fossem reais ao espaço geográfico urbano. Cabe ressaltar que a zona imaginária pode ser alimentada pelas imagens criadas na literatura, nos textos científicos e jornalísticos, nas pinturas, nas fotografias e mais recentemente no *Google Earth* e entre outras.

Entretanto, precisa-se asseverar que o imaginário social possui uma supercapacidade de retroalimentar as interfaces das zonas empíricas e imaginárias. O que pode, tanto distorcer ou mascarar quanto potencializar as formas de representar a realidade social no espaço geográfico, já que “(...) o imaginário é assimilável à fantasia. Então, o fantasma sempre será de ordem imaginária, só que vive como se fosse real”. (SILVA 2001, p. 59).

Há também outros autores (CASTORIADIS, 1975; SOUZA e PESAVENTO, 1997; DURAND, 1999; BENJAMIM, 2006 e 2010) que trabalham o imaginário social enquanto uma matriz de tempo e espaço no campo simbólico coletivo o qual intervém na memória coletiva dentro dos sistemas simbólicos (FREIRE, 1997). Desse modo, pode-se afirmar que a memória é considerada enquanto elo projetivo das imagens

internalizadas com as externalizadas na vida social no espaço urbano, conforme aponta Santos (2006, p.224), sobre o papel da memória no espaço geográfico:

A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado.

Como pode ser observado, a memória é o elo teatral que dinamiza, interliga as noções de tempo e espaço percebido por meio das imagens, do imaginário social que compõem o espaço vivido e percebido pelos indivíduos os quais a imaginação recria as ações sociais contemporâneas no espaço geográfico. Para Gomes (2008) quando nos referimos ao imaginário social, incluimos os conceitos e ideias que organizam as nossas formas de olhar, pensar, apreciar e compreender objetos e fenômenos, e nessa organização, os ingredientes principais são o raciocínio e a lógica.

Contudo, o imaginário social são ideias, crenças, símbolos, opiniões de uma pessoa ou grupo de pessoas que emergem da floresta de imagens² da vida cotidiana no espaço geográfico. Uma floresta que alimenta a imaginação individual e coletiva as quais são responsáveis pela biodiversidade de símbolos que guardam o significado, os simbolismos e até as ideologias espaciais. Por último, o imaginário social é semelhante a uma floresta amalgamada que, por meio da percepção do mundo real, é imaginada pelas pessoas no mundo da vida, sobretudo nos espaços urbanos. Nesse interim, (SILVA 2001, p. 82) que: “o imaginário, como sistemas de ideias e imagens de representação coletiva, teria a capacidade de criar o real”.

Com essas reflexões, se segue aos pressupostos teóricos e metodológicos para as pesquisas do imaginário social das cidades.

GEOGRAFIA E IMAGINÁRIO DA CIDADE

O propósito aqui é discutir a relação da Geografia com o imaginário da cidade. Aparentemente são dois temas desconexos. No entanto, conforme o discutido anteriormente, as imagens, a imaginação e o próprio imaginário contemplam as práticas sociais dos seres humanos, muito antes da existência da geografia enquanto ciência.

Acredita-se que ambos se encontram através da dimensão espacial. Primeiro, analisa o espaço em questão: o urbano. O segundo, como fenômeno cultural, influência nas ações que constroem as espacialidades urbanas.

Para contextualizar a abordagem em questão, faz-se necessário tecer uma breve menção à ciência geográfica contemporânea brasileira. A ciência geografia encontra-se em travessia. Há pesquisas fundamentadas tanto nos princípios da modernidade como da pós-modernidade da produção de conhecimento do mundo ocidental.

A Geografia contemporânea brasileira vive um momento singular de abertura para novas temáticas e pluralidade metodológica. Para Hissa (2002, p. 94), a modernidade e a pós-modernidade são conterrâneas e contemporâneas à medida que passado e presente são transportados para o futuro tempestuoso. Mais uma vez a lucidez do tempo único de Walter Benjamim (2010) parece contribuir para contextualizar como seria estudar a geograficidade¹ das cidades contemporâneas, no caso especial, da Geografia brasileira. Para tanto, faz-se necessário, mesmo de forma rápida, tecer algumas palavras sobre suas vertentes de pesquisa.

O leitor atento que participa do “cenário cibernético-informático-informacional” logo descobre que há uma predominância de estudos de Geografia urbana no território brasileiro. Tal fato revela, por um lado, o interesse dos profissionais da Geografia em compreender as manifestações humanas contemporâneas às quais estão circunscritas com maior densidade nas cidades e, por outro lado, certa miopia empírica a qual muitas das pesquisas estão entrelaçadas pela materialização das técnicas no espaço urbano.

Diante dessa ressalva, as leituras dos textos de Geografia urbana permitem apontar três tendências reveladoras das pesquisas brasileiras:

A primeira, com pesquisas estruturalistas, em que o dinamismo dos espaços urbanos, as relações entre as cidades, as relações humanas nas cidades são motivadas apenas pelo metabolismo apenas da divisão social interna do trabalho e pelos demais índices. A segunda, capitaneada pelas pesquisas que buscam valorizar o papel da cultural, das crenças, das tradições e das religiões no espaço urbano. Já a terceira, ainda pouco propagada, mas com estudos significativos que procura compreender uma escala mais próxima, ligada ao mundo vivido, à dimensão existencial e imaginativa da experiência geográfica nos lugares, nas paisagens e nos espaços urbanos².

No entanto, dessa última, são poucos as pesquisas, mesmo na Geografia Cultural Renovada que se debruçam pelos símbolos e pelo imaginário nos espaços urbanos brasileiros. Marondola Jr. (2012, p. 53) afirma que “para muitos ainda cabe à ciência

desvendar as construções ideológicas.” Tal concepção científica que demonstra, sobretudo, as limitações no estudo das imagens e, sobretudo, da imaginação e imaginário da cidade pela maioria dos profissionais da Geografia. Neste bojo, Gomes (1996, p.314) parece contribuir com sua análise ao enfatizar que:

Os humanistas consideram a arte como o elemento de mediação entre a vida e o universo das representações (...) e a modernidade é feita da renovação da imagem do mundo, que coloca o homem no centro de sua cultura particular.

No seio das transformações mundiais, os geógrafos que os seus conceitos, categorias e abordagens metodológicas estavam aquém da realidade, o que colocava a ciência em situação de desconforto pragmática para alguns pesquisadores. Tal situação colaborou para iniciar o contato com outras áreas do conhecimento científico, sobretudo, os estudos do comportamento humano no espaço geográfico. Contudo, pode dizer que os fenômenos culturais deixam de ser analisados por alguns geógrafos apenas na relação homem e meio para abordagens apoiadas em novos métodos científicos na ciência geográfica³.

Cabe frisar que as pesquisas geográficas discutem o imaginário social ou imaginário da modernidade urbana, mas, suas reflexões castoriadisianas ou benjaminianas pouco se preocupam com os possíveis procedimentos metodológicos dos estudos literários que discutem essas questões, ou seja, não se ocupam de uma “mitanálise” tangente às áreas sociais⁴.

Com essas ressalvas, Kozel (2001, p. 36) afirma que

(...) a abordagem cultural/social ressurge na geografia a partir do enfoque humanístico, ligada às formas de representação, aos lugares e a maneira de nomear, aos sistemas de códigos semióticos, consolidando-se e reestruturando-se. Ao resgatar o homem no centro de sua análise, busca também desenvolver novas abordagens.

Pode-se observar uma abordagem que tanto retira o caráter estático do meio natural quanto redimensiona a leitura do social e, principalmente, da cultura nas abordagens geográficas. Nesta, há caminhos para estudar os processos fluidos que minam através dos limites das vertentes geográficas de abordagens das cidades já apontadas.

Quais os passos que a Geografia urbana brasileira pode trilhar para analisar o imaginário das cidades? Não há a intenção de responder a todas as demandas desse questionamento, mas para aprofundar o diálogo com o imaginário da cidade que seria o imaginário a luz que não encontrará jamais (PEIXOTO 2004, p. 45). Então, seria o imaginário a luz de anúncio de pesquisas geográficas do fenômeno urbano contemporâneo. Ora, sabemos que as representações socioculturais “são contraditórias do espaço e das sociedades que aí tem lugar” (PEIXOTO, 2002, p.19).

As respostas são múltiplas. Entretanto, as leituras direcionam para outras ontologias as quais além de estudos com temáticas diversas, há também a reconstrução a partir de múltiplas linguagens – fílmica, literária, textual entre outras – do papel do imaginário na construção das espacialidades do homem citadino contemporâneo.

Mesmo assim, cabe apontar alguns itinerários para a Geografia ultrapassar as suas amaras estruturalistas, inclusive, da abordagem da geografia cultural para elucidar os fenômenos urbanos em sua totalidade, tais como:

- a) Reconhecer o papel das imagens enquanto combustível de produção do imaginário social e de representações dos espaços e, mormente das cidades, mas também destacar a sua importância para a conservação e restauração, no caso, da destruição de uma realidade material (RAFFESTIN, 2010);
- b) A perspectiva cultural na Geografia necessita aprofundar sua análise no comportamento humano para contemplar os novos processos sociais e culturais urbanos. Para tanto, pode se unir com os conhecimentos contemporâneos da neurociência para compreender melhor a percepção humana e, inclusive, decodificar as linguagens midiáticas e informacionais das “cidades virtuais” (LÉVY, 1996);
- c) Di Felice (2009) ao degustar as textualidades das paisagens pós-urbanas coloca em evidência o engessamento da corporeidade do “*flâneur*”, mas, revela uma outra identidade “*flâneur*” eletrônico que comunica e consome “metropoleletrônica” instantaneamente com diversos elementos da cultura urbana. Diante disso, a Geografia renovará as suas formas de mensurar as questões urbanas e de se aventurar com novas metodologias apoiadas nas representações literárias, fílmicas, informatizadas, musicais e virtuais para

desvelar os modos de vida híbridos com experiências espaciais plurais que colocam a fisionomia política, administrativa e arquitetônica do espaço urbano contemporânea em ebulição constante⁵;

d) Valorizar o papel da comunicação na produção de imaginário social que conduz e aparecem as regularidades da vida social urbana, na percepção das paisagens dos grupos sociais semelhantes. Nesta mesma perspectiva é considerar o papel das telecomunicações sobre a produção de imagens e novas formas de sociabilidade nos espaços e, principalmente, nas cidades (CLAVAL, 2002);

e) Por fim, buscar aprofundamento epistemológico nas filosofias do espírito que consubstanciem leituras multidisciplinares, inclusive do imaginário social das cidades as quais em suas espacialidades originais estão impregnadas de representações cibernéticas da comunicação midiática (BARBOSA, 2012; MARONDOLA JR, 2012; GOMES & RIBEIRO, 2012)

Por último, esses pontos são apenas itinerários possíveis de serem percorridos a partir de abordagens interdisciplinares, plurais e menos ecléticas em busca de procedimentos metodológicos que tragam o imaginário da cidade enquanto elemento interdisciplinar para os estudos da geografia urbana brasileira.

GEOGRAFICIDADE DO IMAGINÁRIO SOCIAL DA CIDADE

Para Dardel (2011), pensar uma geofricidade do imaginário social da cidade é buscar a essência do viver no mundo urbano. Uma fundamental que ultrapassa a realidade urbana enquanto materialidade (formas edificadas) para o universo humano fluido no qual o tempo e o espaço ultrapassam todas as escalas do espaço e tempo racional, sobretudo, de parte da ciência moderna ocidental.

Outra ressalva epistemológica importante é a realização de uma geofricidade do imaginário social nos habilita a “*flâneur*”. Bolle (2000 p.71) coloca o humano como: “um colecionador de sensações da grande cidade, um sonhador de imagens de desejo e fantasmagorias”. É, sobretudo, reconhecer a importância dos itinerários vividos

intensamente de forma fluida entre as zonas empírica e imaginária do espaço urbano, como se visualiza na Figura 01. Tal preocupação foi apontada por Claval (2013, p.12) quando indicou que “precisamos diante da homogeneização das técnicas de uma orientação para a curiosidade cultural “são as representações, é o imaginário do grupo, negligenciados até então, que merecem ser estudados”.

Assim, pensar a geograficidade do imaginário social da cidade(s) é reconhecer as conexões entre o espaço habitado com a subjetividade e a intersubjetividade. A intersubjetividade é aqui entendida como membrana que assegura os conhecimentos necessários, as imagens, as imaginações e representações e, sobretudo os códigos culturais de sucessivas populações em convívio com as cidades. Contudo, uma membrana que permite transcender do plano imanente do espaço urbano para o plano transcendente da cidade.

Nesta perspectiva, “a geografia autoriza uma fenomenologia do espaço.” (DARDEL, 2011, p.25). Com isso, há possibilidade de nos aproximarmos enquanto profissionais da ciência geográfica das leituras das cidades que vão para “além dos mapas”, para além da literatura e das artes e, sobretudo, desenvolver a interdisciplinaridade, tal como é vida real nas cidades. Em síntese, uma geograficidade que promova a recondução da reflexão aos princípios constituintes da realidade, ou seja, a subjetividade e o mundo urbano em correlação. Por fim, por uma geograficidade do imaginário social da cidade é buscar a terceira dimensão dos espaços urbanos, no qual insere a atividade humana, o próprio imaginário e o conteúdo simbólico para elucidar os itinerários para uma espacialidade do imaginário da cidade.

PARA NÃO TERMINAR...

Sou urbana

Sem verde das matas, nasci

Entre o cimento e o asfalto, cresci

Sou fundida no concreto

O meu céu é solitário e

Minhas estrelas não bailam

Sou assim sem sonhos

Sou assim tão seca

Diante do exposto ao desse ensaio e do poema ao lado, mesmo de maneira singela, acredita-se que é possível perceber a importância da tríade: imagem, imaginação e imaginário. Refletir uma proposta de geograficidade do imaginário social da cidade é um desafio de buscar os meandros interdisciplinares para romper com a tradição geográfica que ficava apenas circunscrita às funcionalidades das formas e fluxos urbanos.

Ao elaborar e refletir esse artigo foi possível ampliar o nosso horizonte interdisciplinar do campo da geografia humana de tendência cultural. Acredito também que foi possível tecer esse ensaio na interface das duas matrizes teóricas - castoriadisianas ou benjaminianas - que influenciam e influenciaram os estudos geográficos tendências.

Assim, uma geograficidade do imaginário social não pode descartar as contribuições desses autores e, sobretudo, buscar itinerários que não se coloque barreiras em relação ao imaginário ao real e, mormente, ao simbolismo urbano contemporâneo.

Neste sentido, concorda-se com Claval (2013, p.172) ao dizer que “a solução não deve vir do passado”. Uma afirmação que rememora a contribuição de Walter Benjamin ao propor no passado o estudo da “imagem dialética ou o agora da conhecibilidade” (BENJAMIN, 2006, p. 505) enquanto itinerário metodológico para alcançarmos a geograficidade do imaginário em suas múltiplas espacialidades.

Por uma geograficidade do imaginário da cidade precisa reconhecer a semanticidade das imagens das cidades contemporâneas. Com isso, os profissionais da Geografia passaram a considerar o cotidiano das cidades com suas múltiplas relações humanas como meio objetivo de emanações de imagens-imaginação-imaginário entre o polo subjetivo e intersubjetivo da população urbana e suas espacialidades. Essa geograficidade proposta como forma de recondução dos princípios constituintes da realidade, ou seja, da subjetividade e galgar os resultados transcendentais da tríade – imagem, imaginação e imaginário – na realidade vivida nas cidades.

E, por último, cabe indagar: seria o imaginário e o imaginário social a “luz da enunciação” de uma nova era das pesquisas geográficas do fenômeno da urbanização contemporânea? Se essas são as possibilidades, é preciso que novos espectros metodológicos sejam recriados tal como o fez Walter Benjamin outrora, mesmo correndo o risco de ficar enquanto transeunte nos bulevares da ciência geográfica contemporânea brasileira.

1. Ler mais sobre o assunto em “A Geografia Mítica” em DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
2. Para (BAUDELARIRE, 2001) a floresta de signos constitui a materialização da arte da vida.
3. Cabe destacar a forte presença dessas pesquisas no X ENANPEGE (Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia) realizado na cidade de Campinas, no ano de 2013. Além de grupo de trabalho sobre “Cidade, imagem e Patrimônio” é possível encontrar trabalhos dessa vertente em dois outros grupos de trabalhos (GT) “Espaço e Representações” e “Geografia e literatura: interlocuções possíveis”.
4. Para Gomes (2000, p. 304) essas abordagens buscam os seus fundamentos nos métodos filosóficos: hermenêutica, existencialismo e na fenomenologia. O que o mesmo denominou de “horizonte humanista”.
5. Vale lembrar que as cidades brasileiras, sobretudo, as metrópoles encontram em territorialidades em transe devido suas contradições e sobreposições de escalas de comando do poder municipal, estadual, nacional e até internacional devido os interesses aos megaeventos. Como, por exemplo: Manifestações constantes nos espaços públicos que demonstram realmente a emancipação dos lugares e a verdadeira crise da experiência urbana brasileira contemporânea.

Agradecimentos:

*A leitura e as contribuições da colega e professora Valeria Cristina Pereira da Silva durante a disciplina “O imaginário da cidade” no programa de pós-graduação em Geografia do IESA/UFG.

**E, as correções da língua portuguesa pela colega Eumara Marciel dos Santos, técnica administrativa da UFOB, Campus de Barra.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. L. 2012. Espaço e representação, arte e tecnologia: a paisagem das imagens do contemporâneo. In: MACIEL, C.A.A.; GONÇALVES, C. U.; PEREIRA, M. C. B. de. (Orgs). **Abordagens Geográficas do Urbano e do Agrário**. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

BAUDELAIRE, C. 2001. “O pintor da vida moderna.” Sobre a modernidade. São Paulo: Paz e terra.

BENJAMIM, W. 2010. Rua de Mão Única. In: Obras escolhidas. Trad. Rodrigues Torres Filho e J. C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, v. 2.

BENJAMIM, W. 2006. *Passagens*. Tradução e coordenação: Willy Bolle. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ UFMG.

BOSI, A. 2008. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cia das Letras.

BOLLE, W. 2000. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da História em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

CASTORIADIS, C. 1986. A Instituição Imaginária da Sociedade. Tradução por Guy Reynaud. 2.ed., Rio, Paz e Terra, [1975]. 418p.

CLAVAL, P. 2002 “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator**. Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01.

CLAVAL, P. 2013. As dimensões funcionais e simbólicas da composição urbana no século XIX. In: ALMEIDA, M.G.; ARRAIS, T. A. (Org.) **É geografia: é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE.

DARDEL, E. 2011. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werter Holzer. São Paulo: Perspectiva.

DI FELICE, M. 2008. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume.

DURAND, G. 1999. O imaginário: ensaios acerca das ciências da filosofia da imagem. Tradução René Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL,. (Enfoques. Filosofia 128p).

FREIRE, C. 1997. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC: Annablume.

GOMES, P. C. C. 2000. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

GOMES, P.C.C. 2008. Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: CORRÊA, R. L. (Org.) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro: UERJ.

GOMES, P.C. da; RIBEIRO, L. P. 2012. Metodologias visuais e imaginação urbana: uma experiência no Recife. In: MACIEL, C.A.A.; GONÇALVES, C. U.; PEREIRA, M. C. B. de. (Orgs) **Abordagens Geográficas do Urbano e do Agrário**. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

HISSA, C. E. V. 2002. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

LÉVY, P. 1996. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34.

MADALENA. **Sou urbana**. 2016. Disponível em: <http://sitedepoesias.com/poesias/91906>. Acesso: 26 de Janeiro de 2016, às 05h e 31min.

MARONDOLA JR, E. J. 2012. Imagem enquanto fenômeno: forma e experiência urbana. In: MACIEL, C.A.A.; GONÇALVES, C. U.; PEREIRA, M. C. **Abordagens geográficas do urbano e do agrário**. Recife: Ed. Universidade da UFPE, 2012.

PEIXOTO, N. B. 2004. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

PESAVENTO, S. J. 2002. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS.

KOZEL, S. T. 2001. Das **Imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba, a “capital ecológica” São Paulo. USP. FFLCH (Tese de Doutorado).

SANTOS, M. 2006. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SILVA, A. 2001. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva.

SILVA, V.C. P. da. 2001. Representações das cidades. **Formação**. Presidente Prudente, n.8, p. 75-86.

SOUZA, Célia F. de & PESAVENTO, S. J. (Org.) 1997. Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre UFRGS.

TURCHI, M. Z. 2003. **Literatura e Antropologia do imaginário**. Editora da UNB, Brasília.